

CARMEN BOBES, GLORIA BAAMONDE, MAGDALENA CUETO, EMILIO FRECHILLA  
E INÉS MARFUL

*Historia de la Teoría Literaria. I. La Antigüedad Grecolatina*  
Madrid, Gredos, Col. Manuales, 1995

Publicado pela editorial Gredos, dentro da sua colecção dedicada aos manuais universitários, este volume apresenta-se como o primeiro de dois trabalhos que tratam de estudar a história da teoria literária. Assim, este livro, escrito por cinco autores, define como objectivo apresentar as teorias literárias da Antiguidade clássica até à helenística: no âmbito científico e filosófico, bem como nas retóricas e nas poéticas. Já o segundo volume (ainda em preparação) pretende reconhecer o prosseguimento até à época actual destas teorias poéticas, que atribuem ao processo mimético o princípio gerador da Arte. Salientando desde o início o público estudantil a quem se dirige este volume, os autores reconhecem as limitações que a perspectiva actual pode trazer sobre as teorias e taxonomias clássicas que expõem, visto que poderão fazer distinções de saberes que anteriormente não eram feitos.

Assim sendo, a introdução é composta por sete pequenos textos em que se expõe os princípios orientadores dos seus autores. Começa-se com o conceito atribuído a teoria - «Con el término *teoría* nos referiremos a todas las variantes especulativas del conocimiento orientadas con independencia de toda aplicación [...]» (p. 9) - para depois explicar especificamente dentro da literatura as relações entre teoria, crítica e filosofia - «[...] nos planteamos problemáticamente las relaciones y límites que una *teoría* literaria, entendida fundamentalmente (nunca exclusivamente) como una especulación científica sobre la obra literaria, mantiene con la crítica literaria, como actividad valorativa de la obra literaria y con la *filosofía* de la literatura, entendida como una especulación radical sobre la literatura, es decir, una investigación que no admite presupuestos de ninguna clase, ni axiomas iniciales, porque todo lo problematiza» (p. 11). Mais adiante, já de forma um tanto escolar, é estabelecida a diferença entre teorias parciais e gerais, bem como a relação entre a poética e a história literária. Passa-se em seguida à análise diacrónica da passagem do modelo aristotélico para o racionalista, chegando até ao semiológico da segunda metade do século XX. Termina esta longa introdução com o agrupamento das teorias literárias segundo as perspectivas adoptadas em relação ao papel do autor, ao da obra em si e ao do leitor - apontando-se esta última como a mais destacável da teoria literária actual (cf. p. 29).

Uma vez concluída a introdução, encontra-se este volume dividido em sete capítulos que percorrem as ideias literárias clássicas desde os seus iniciadores até aos helenísticos. Cada um destes capítulos é constituído por uma contextualização histórica e biográfica dos autores referidos, seguida por uma explanação das suas ideias filosóficas para terminar com a sua contribuição no mundo da literatura. No final de cada capítulo, os autores optaram por incluir uma selecção de alguns dos textos a que se referiram anteriormente, tendo em vista o seu comentário na sala de aula.

Dos primórdios conhecidos das ideias literárias clássicas, os autores referem a contribuição da tradição épico-lírica - que consistiria na relação estabelecida entre o poeta e as divindades, considerada dote superior ou trivializado -; mencionam a introdução dos valores da escola pitagórica na literatura: «Resultado del valor catártico de la música y de concepción matemática

de la armonía y del orden se llegó a la identificación de lo bello con lo bueno, y del arte con la moral y las buenas costumbres» (p. 43); e falam ainda sobre o deslocar do interesse filosófico sofista da cosmologia para a antropologia, passando-se a atribuir um valor instrumental à literatura sobre o processo educativo: «Con los sofistas efectivamente se incorpora el lenguaje literario, la obra literaria y el proceso de creación literaria a la educación. El valor instrumental que tiene la literatura en el proceso educativo lleva a los sofistas a la lectura y comentario del texto: ellos fueron los primeros intérpretes metódicos de los grandes poetas, en cuyas obras basaron una buena parte de la enseñanza» (p. 49); este capítulo termina com Sócrates, destacando-se a sua concepção de arte como a adequação a um fim, em cujo processo está a imitação não apenas da superfície, mas de alguma coisa de superior e ulterior.

Dedicam os autores o segundo capítulo a Platão, apontando como obras principais de referência *Apologia*, *República*, e *Leis*. Caracterizam a sua obra como de vocação metafísica e, por conseguinte, comprometida com a educação do homem. Deste modo, salienta-se que, para este filósofo, o verdadeiro poeta deve conseguir ultrapassar a precariedade dos modelos sensíveis e atingir o modelo inteligível, no qual estão presentes o Bem, a Beleza e a Bondade. Destacam que, de acordo com a sua teoria da imitação dos arquétipos, na *República* surge a primeira sistematização conhecida dos géneros literários, tendo como ponto de partida a dicção de cada poeta e os seus processos elocutórios.

Talvez com um certo desequilíbrio em relação à organização geral do volume, são dois os capítulos que analisam as contribuições de Aristóteles na teoria literária; o primeiro explica os conceitos fundamentais da sua «poética» e o segundo a sua teoria da tragédia. Mais do que em qualquer outro autor tratado, os escritores deste manual optam por desenvolver mais profundamente as influências que a obra aristotélica exerceu na cultura europeia pelo menos até ao Renascimento. No entanto, a explicação dada ao título da tão conhecida *Poética*, afigura-se-nos bastante fraca na medida em que se limitam a citar algumas definições de Aristóteles sem as interpretar ou apresentando apenas, e resumidamente, as interpretações de Kommerell e Ricoeur (cf. p. 89). Trata-se de um estudo muito sistematizado e até esquematizado da obra aristotélica em que se aponta como ideias fundamentais a problematização da relação entre ficção e verosimilhança (p. 96) e a da poesia com a história e a filosofia. No capítulo seguinte, falando sobre a tragédia, para além de ser feita uma paráfrase da *Poética*, distinguem os autores os diferentes tipos de interpretação que posteriormente foram feitos a seu respeito (ascéticas, médicas, mentalistas, psicoanalíticas e estéticas), baseando-se todas elas no conceito e função atribuídos ao *mito*.

Passa-se, em seguida, à análise da retórica de Quintiliano que se apresenta, logo no início, como precursora da actual ciência narratológica. Depois de sintetizar o conceito de retórica de Quintiliano como «[...] el arte de escribir y hablar bien (*ars bene dicendi*), organizando los términos que expresan el pensamiento, no como el arte lógico de organización del mismo pensamiento, es decir, atiende preferentemente al discurso, en su forma y en su sentido, más que el esquema lógico subyacente al texto, y sigue unas actitudes que responden al gusto, al orden, a la moderación y a la disciplina» (p. 162), os autores optam por fazer uma análise detalhada sobre cada um dos livros de *Institutio Oratoria* onde também se assinala as influências exercidas posteriormente. No entanto, não definem de forma clara, como em capítulos anteriores, os conceitos que este autor trouxe para a teoria da literatura, limitando-se a concluir acerca da primordialidade que a retórica parece estar a reasumir actualmente depois de uma época de «crise».

No capítulo VI, mais curto e sintético, fala-se sobre os conceitos teóricos de Horácio e a sua definição dos géneros literários, escolhendo como obra de referência a *Epistola ad Pisones*. Analisam em primeiro lugar os princípios da *mimésis* e do *decorum*; em seguida, explicam os

tópicos horácianos, chamados menores, como a unidade, coerência, verosimilhança, e termina destacando as três dualidades horácianas: *ingenium-ars*, *res-verba* e *docere-delectare*.

Por fim, chegamos à helenística, representada neste livro por Plotino e Longino. Salienta-se o primeiro que, seguindo Platão, considera a beleza como o envólucro do bem, concebendo a arte como imitação «tratando de plasmar una idea de hermosura más perfecta que la que llega del mundo exterior a través de la mirada o del oído» (p. 206). Quanto a Longino e ao *Tratado do Sublime* destacam os autores que a sua contribuição consistiu na importância que outorgou à transcendência da imaginação e às emoções. A cada um destes autores e a Pseudo-Dionísio os autores atribuem a doutrina e o conceito da emanação: a beleza material emana da beleza absoluta, divina, a única existente; estando este conceito na base da estética cristã.

Embora este volume denote uma certa heterogeneidade no modo como cada autor ou época são tratados, nomeadamente no que diz respeito à análise da sua repercussão em épocas posteriores, parece-nos que consegue atingir o objectivo proposto na introdução: apresentar ao estudante universitário uma perspectiva histórica das teorias literárias desde a Antiguidade clássica até à helenística. Trata-se de um livro que assume claramente o seu estatuto de manual e que poderá resultar eficaz para a sistematização dos conhecimentos históricos da teoria literária; porém será de alguma forma redutor se o estudante, levado pela sua leitura, considerar inúteis outras pesquisas sobre o assunto.

Clara Vitorino

GEORGE STEINER

*What is Comparative Literature? An Inaugural Lecture Delivered before the University of Oxford on 11 October 1994*  
Oxford, Clarendon Press, 1995

A esta questão, é urgente retorquir a Steiner com outra em forma de quiasmo: Comparative Literature is what?! De facto, não poderíamos ficar indiferentes às tomadas de posição e aos implícitos epistemológicos avançados por algumas das afirmações que este ensaísta erudito nos apresenta como lição inaugural em Oxford e enquanto *Visiting Professor of European Comparative Literature*.

Antes do mais, o carácter redutor e essencialista do título da lição a fazer lembrar as colectâneas de Paul Hernadi ou, caso queiramos traduzir, os livros de bolso da colecção *Que sais-je?*. O mais interessante de tudo é que, se normalmente não se chegava a conclusão nenhuma sobre a ontologia das questões levantadas nesses estudos, Steiner é peremptório neste quanto ao que é literatura comparada. Vejamos como.

A busca do discurso original, singular, adâmico percorre o leque de questões que Steiner levanta de início para concluir, tal como Bakhtine já o tinha feito 50 anos atrás, que qualquer discurso é percorrido por vozes heterogêneas que saturam tanto o discurso literário como o